SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXIX • JUNHO DE 1973 • N.º 338

Comp. • Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

NUGAS

VI

Demasiadamente se tem salientado que o nosso século é o da velocidade, verdade que, por ser demais evidente, se tornou axiomática. Parece que os homens, desde que penetraram nos arcanos da Ciência, ficaram presos do delírio ou da vertigem da rapidez, e ei-los em correrias desordenadas, nos mares, em transatlânticos que cobrem distâncias quase incomensuráveis em velocidades espantosas; em terra, em comboios eléctricos ou impulsionados a óleos pesados ou em automóveis, precipitando-se estes pelas estradas em correrias de competição quase sempre terminadas tragicamente; pelo ar, não já em aviões supersónicos que num instante se deslocam entre pontos separados por distâncias enormes, mas em foguetões estratosféricos que no espaço de dois, três dias pousam suavemente na superfície do nosso satélite, feito inconcebível há menos de 30 anos.

E quando hoje um desses potentes aviões supersónicos dá uma volta à Terra num reduzidíssimo espaço de tempo, sorriem-se os homens com desdém da aposta de Mr. Philéas Fogg que o delicioso Júlio Verne pôs a dar a volta ao Mundo em 80 dias, «proeza» considerada então impossível.

No entanto, já há 21 séculos Virgílio escrevera nas *Geórgicas* que *fugit irreparabile tempus,* quer dizer, que «o tempo foge irremediavelmente», não sendo possível aos homens agarrá-lo e prendê-lo. Ele é superior à nuvem que o vento empurra impetuosamente nos ares, breve a desfazendo, porque nós vemo-la, embora a não possamos palpar.

O Tempo passa, foge e é para nós invisível, mesmo quando fixamos o quadrante dum relógio e vemos o movimento lento dos ponteiros, porque, quando eles se vão movendo lentamente não nos apercebemos da velocidade do Tempo e não concebemos sequer como é vertiginosa a rotação da Terra, afinal a origem da noção de Tempo que o Homem tem. Quando vemos um ponteiro avançar muito devagar, apenas podemos ter a certeza de que o minuto é uma fracção ínfima do Tempo, não nos ocorrendo imediatamente que a soma de 60 minutos perfaz uma hora e que 24 horas constituem um dia, que os dias sucedendo-se completam semanas, meses, anos, séculos, indefinidamente, arrastando-nos consigo numa vertigem de que nós só nos apercebemos quando olhamos o nosso rosto e o dos nossos conviventes e aí detectamos os inexoráveis estragos do Tempo.

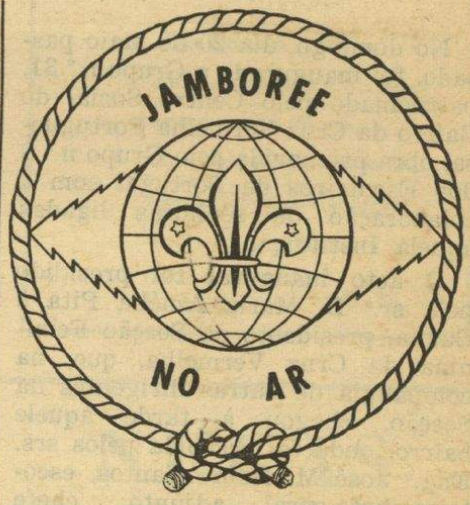
Fugit irreparabile tempus, dizia o poeta. Mas não é apenas o Tempo que foge: fugimos nós com ele, melhor ainda, ele arrebata-nos na sua fuga vertiginosa e por vezes de forma tal que por completo se nos oblitera a noção da rapidez.

Se, de facto, *fugit irreparabile tempus,* por que se afadigam os homens a buscar ultrapassar o próprio Tempo? Para quê a corrida à velocidade? Para quê procurar cada qual antecipar-se ao seu vizinho, correndo e esfalfando-se ao encontro da Morte? Teremos já pensado em como cada passo que damos nos aproxima da hora final, essa hora inexorável que, caminhemos depressa ou devagar, sempre chega a cada um de nós? «Todas as horas ferem, a derradeira mata», diz o prolóquio.

E é, paradoxalmente, que, como que fugindo, os homens se esforçam por ir ao encontro dessa derradeira hora assassina, hora, minuto, segundo mesmo, que nos pode assaltar na curva duma estrada, no ar, no mar, na montanha, no vale, dentro do próprio lar, sem que na nossa fuga lhe possamos escapar.

Fugit irreparable tempus... Mas, olhando cada um bem para dentro de si, fazendo o seu exame introspectivo, acaso cada qual de nós terá procurado pesar a soma de traba-

Continua na pág. 3



O XV JAMBORI NO AR

O XV JOTA já lá vai e, a julgar pelo que nós próprios ouvimos no HB95, foi melhor que qualquer das edições anteriores. Com efeito, o número de estações que ouvimos em comunicação umas com as outras naquele fim de semana pareceu exceder tudo o que captámos em anteriores JOTAS. Talvez o facto se deva à colocação do posto emissor (1 600 metros de altitude) e tenhamos de mudar de opinião quando começarmos a receber os relatórios.

Se vocês não puderam contactar connosco depois das 16 horas TMG de domingo, as nossas desculpas. O boletim meteorológico não colaborou connosco, pois quando chegámos ao emissor, na noite de sexta-feira, verificámos que a antena, que tanto trabalho nos tinha dado a montar duas semanas antes, tinha sido danificada pelas rajadas do vento que continuou a soprar com violência. Para mais ajuda, a primeira tempestade do Outono coincidiu com o fim de semana do JOTA, prolongando-se pela semana seguinte. Na tarde de sábado, com o nosso gerador avariado, um transformador queimado num dos transmissores e as previsões meteorológicas nada favoráveis, decidimos abreviar o nosso trabalho e descer da montanha enquanto fosse dia. Havia densa neblina e arrostámos uma tempestade de neve. A temperatura durante o fim de semana rondou os 10 graus abaixo de zero e quando retirámos as antenas, o dípolo tinha mais 5 polegadas de espessura devido ao gelo acumulado. Quanto à antena vertical, apresentava uma grande inclinação, mais parecendo horizontal.

Mesmo assim, apesar dos nossos problemas, conseguimos falar com cerca de 120 estações em 27 países, nada mau, afinal de contas.

E agora até para o ano. Como habitualmente, o 16.º JOTA realizar-se-á em 20 e 21 de Outubro de 1973. Os nossos ami-

Continua na pág. 3



A Inauguração do Grupo n.º 31 dos Escoteiros de Portugal

No domingo, dia 20 de Maio passado, foi inaugurado o Grupo n.º 31, patrocinado pelo Centro Social do Bairro da Cruz Vermelha Portuguesa, obra promovida pelo Grupo n.º 8 dos Escoteiros de Portugal com a colaboração de senhoras ligadas àquela Instituição.

O acto inaugural foi presidido pela sr.ª D. Maria Amélia Pita e Cunha, presidente da Secção Feminina da Cruz Vermelha, que, na companhia de outras dirigentes da Secção, chegou à tarde àquele bairro, onde foi recebida pelos srs. Eng.º José M. Nobre Santos, escoteiro-chefe-geral adjunto; chefe João Constantino, do Grupo n.º 8; chefe Júlio dos Anjos Ferreira da Rocha, do Grupo n.º 31; Humberto Martins, da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, tendo recebido a saudação dos escoteiros que representavam diversas unidades de Lisboa.

A sr.ª D. Maria Amélia Pita e Cunha cortou a fita simbólica e disse da sua satisfação por poder inaugurar o novo grupo de escoteiros no Bairro da Cruz Vermelha, por ser uma obra de juventude, e fez apelo a que os escoteiros fossem ali obreiros do Bem, afirmando: «Vocês são a maior razão de orgulho deste Bairro e espero que ajudem todos a praticar o Bem para que este Bairro seja um bairro modelo».

Em seguida, todos os presentes visitaram a sede, que se encontra instalada num edifício próprio, no Largo das Seis Marias, cedido pela Cruz Vermelha, onde foi descerrada uma lápida em homenagem aos patrocinadores do Grupo.

A chefe de Alcateia, menina Palmira Marques, tomou a promessa dos lobitos João Carlos e Carlos Soares, bem como das avezinhas Paula Lucas e Paula Cristina e das guias Marília Lopes, Josefina Silva e Anabela Nascimento. O chefe do Grupo tomou o compromisso de honra dos escoteiros Tomás P. Carrilho, Manuel Pereira Ferreira, Henrique V. Pais, João Carlos, Luís de Carvalho, Joaquim Gonçalves Pereira, Lídio Gonçalves Pereira, Américo R. Rocha, José Francisco Lopes e António José de Figueiredo. Todos estes jovens são os membros fundadores do novo Grupo 31, presidindo à sua Direcção a Sr.ª D. Isabel Maria Vila-Franca, sendo tesoureiro o sr. Carlos Alberto Reis Torgal.

A terminar, falou o sr. Eng.º Nobre Santos, que apresentou cumprimentos em nome do Chefe Geral e agradeceu a todas as pessoas que contribuíram para a fundação do Grupo n.º 31, particularmente à Presidente da Secção Feminina da Cruz Vermelha, e fez votos para que a nova unidade dos Escoteiros de Portugal pudesse tomar muitos rapazes e fazer deles rapazes melhores, que possam vir a ser no futuro, homens dignos, capazes de servir bem a comunidade onde vivemos. Revelou que, entre as dirigentes da Cruz Vermelha presentes, se encontrava a sr.ª D. Lídia Sá Oliveira Homem de Figueiredo, filha do primeiro presidente dos Escoteiros de Portugal, sr. dr. Sá Oliveira, que foi saudada pela assistência. Desempenhou-se ainda da missão que lhe fora confiada de convidar a sr.ª D. Maria Amélia Pita e Cunha para madrinha da nova unidade. Esta senhora, comovida pela distinção, afirmou que aceitava com prazer o convite, que agradeceu, tendo convidado os membros do Grupo para um jantar de confraternização.

★

«Sempre Pronto» faz votos para que a nova unidade, que dispõe de interessantes meios de trabalho, uma boa sede e patrocínio, possa realizar obra de educação eficiente no bairro onde está instalado.

Hino dos Escoteiros do Mundo

Em Junho de 1929, o jornal «O Escoteiro» publicou a letra deste interessante hino, adaptada do francês, de Guérin-Desjardins, sobre música de Artur Poyser. Talvez a transcrição do estribilho ajude algum dos nossos leitores a recordar-se do mesmo hino:

A passos iguais marchemos,
Entoando um canto igual.
Da Terra desde os extremos
nos une o amor fraternal.
Quer no pólo enregelemos,
Quer nos queime o ardor do sol,
Será nosso canto o canto do arrebol.

Este hino é hoje desconhecido dos nossos escoteiros, pelo que gostaríamos de publicar a letra e a música. Esta foi editada pela A. E. P. e vendia-se nos Serviços Centrais a Esc. 3$00. Algum dos nossos Leitores terá ainda esta música e quererá fazer o favor de a emprestar?

A PÓVOA DE VARZIM

tem uma unidade dos Escoteiros de Portugal

Desde 23 de Março último, que a Póvoa do Varzim tem um grupo de Escoteiros de Portugal, o n.º 26, que recebeu aprovação oficial, chefiado pelo nosso estimado assinante sr. Manuel da Silva Leite, unidade que promete vir a constituir mais um firme baluarte do Movimento no norte de Portugal.

«Sempre Pronto» deseja ao Grupo 26 os maiores progressos e completo êxito.

Coragem e abnegação de Escoteiros da Póvoa do Varzim

Na manhã de 14 de Maio passado, quando um rapaz de 13 anos tomava banho no sítio das pequenas pedreiras, por detrás da Escola Comercial e Industrial, sentiu-se repentinamente em perigo e gritou aflitivamente por socorros, tendo corrido em seu auxílio o escoteiro Armindo Araújo Traila, de 14 anos, do Grupo 26, que corajosamente se lançou à água indo ao fundo apanhar o jovem que se debatia com as ondas, mas este agarrou-se-lhe de tal forma que impediu o seu salvamento, pelo que os dois corriam perigo. Nesta altura, o escuta José Américo Ferreira da Costa, de 14 anos, do agrupamento do C. N. E. com sede na matriz, lançou-se por sua vez à água para colaborar no salvamento, tendo diligenciado manter o náufrago à superfície, mas novamente este gorou os esforços, por imobilizar os seus salvadores na sua aflição. Foi, finalmente, o Albino Manuel Ferreira Miranda, do Grupo 26, que, tendo-se lançado também à água, conseguiu valorosamente trazer para terra os três rapazes. O acto de solidariedade e coragem dos escoteiros e escuta foi muito elogiado, tendo o chefe do Grupo 26 louvado os escoteiros que deram provas de tão alto espírito de abnegação, com risco da própria vida, tendo dado conhecimento ao Chefe do Grupo «Cego de Maio» do C. N. E. do acto de valor do escuta José Américo.

ÚLTIMA NOTÍCIA

Dr. Dinis Augusto Curson

Chega-nos a infausta notícia do falecimento deste antigo e ilustre dirigente escoteiro que no desempenho de altos cargos associativos, revelou as mais altas qualidades de organizador e de chefia.

No próximo número, esperamos poder prestar homenagem à memória de Dinis Augusto Curson, a cuja família apresentamos as mais sentidas condolências.

Filatelia

por MENDES MARQUES

A pouca assiduidade desta rubrica não representa, de forma alguma, menos consideração por quantos por ela se interessam. Trata-se apenas dum afastamento do culto da filatelia, que as circunstâncias não têm permitido vivência mais profunda. Mas, como procuro estar «alerta» sobre quanto se vai passando, por vezes topo com motivos que merecem ser reflectidos.

Assim, o acaso permitiu-me verificar que, não obstante já aqui se ter referido e mesmo através de regulamentos, notícias e publicação de listas, ainda há quem, ingenuamente, continue a comprar «vinhetas», ditos selos, e a expô-los ao público, o que é mais grave.

A televisão deu notícia, acompanhada de imagens, da exposição levada a efeito pelo «2.º Grupo de Escoteiros de Portugal». Pois uma das imagens focou um selo escotista, entre outros, certamente, de AJMAN, um dos emirados da chamada Costa dos Piratas.

Ora, como é sabido, desde 1968 todos os selos dos referidos emirados se encontram condenados pela Federação Internacional de Filatelia (F. I. P.) e, portanto, interditos de figurarem em quaisquer exposições patrocinadas por aquela Federação, critério igualmente seguido pelas Federações nacionais. Com base em tal condenação, todos os regulamentos de exposições competitivas e feitas conscientemente, fazem reserva de exclusão das participações que contenham os tais selos.

Desconheço se a Exposição aludida foi ou não competitiva. Em qualquer caso, todos os coleccionadores deverão ficar de sobreaviso quanto ao perigo de exporem selos condenados pela F. I. P., evitando, desta forma, serem surpreendidos por uma desclassificação.

À LAIA DE GAZETILHA

No tempo das andorinhas
li notícia talvez estranha:
que em boa combinação
se trocariam farinhas
para a indústria do pão,
entre Portugal e Espanha.

Essa troca de farinhas
entre a Espanha e Portugal
sem a antiga licença,
digo aqui em poucas linhas:
merece «bureau» central
instalado em Olivença!

E. M.

L POEMETO FILATÉTICO

Diante do selo português celebrando José Bonifácio e os 150 anos de autonomia brasileira.

Brasil, o filho mais velho,
pois que já era maior,
seguiu seu próprio conselho
como entendeu ser melhor.

Houve amuos, cá e lá,
incompreensões, quezílias?
Oh! tantas vezes as há
mesmo entre boas famílias!

Mas «voz do sangue» a falar
parece que foi ouvida:
vinham cá uns estudar
e outros lá «ganhar a vida».

Entre os que à brasília história
deram sólido prefácio,
honramos nós a memória
do ilustre José Bonifácio.

Eduardo Moreira

KON-TIKI

Continuação da pág. 4

E ainda: — «Nós não estávamos organizados em patrulha flutuante. Tudo dependeu de se ter escolhido «o mais apto» confiando-lhe a responsabilidade e apreciando-lhe os esforços».

EPÍLOGO: — Uma nova página se escreveu no livro do conhecimento humano. Se as virtudes do método escotista há muito não tivessem sido aceites como basilares, teriam agora um motivo de comprovação.

Se Baden-Powell fosse vivo, estamos certos de que teria imenso prazer em apertar a mão destes heróis, que souberam ver fundo nos seus ensinamentos.

A grande família escotista orgulha-se destes seus filhos.

«F. L.»

Do «Jornal da Madeira» com a devida vénia.

O XV JAMBORI NO AR

Continuação da pág. 1

gos do Brasil apresentaram já um belo desenho para o certificado de participação que poderá ser fornecido nos primeiros meses do próximo ano. Aguardamos, pois, as requisições no mais breve prazo.

Finalmente, em nome do Conselho Mundial e de todos nós na Secretaria Mundial, os melhores agradecimentos por tudo o que fizeram para garantir o êxito deste XV JOTA.

L. F. JARRETT
Coordenador Mundial do JOTA.

(Circular de 1 de Novembro de 1972 da Repartição Mundial do Escotismo dirigida aos Organizadores Nacionais do Jamboree no Ar).

NUGAS

Continuação da pág 1

lho útil e construtivo que levou a cabo desde que, no limiar da vida, tomou consciência de si e do Mundo? Olhando para trás, encontrará, terá encontrado cada homem algo de positivo e válido que fique a indicar a sua passagem pela Vida, algo que, como pedra branca, fique a assinalar que enquanto viveu não o fez egoistamente, mas pôs a sua consciência, o seu saber, o seu trabalho ao serviço do Homem e do seu aperfeiçoamento moral, quer dizer, ao serviço do definitivo resgate da Humanidade? *That's the question,* como dizia o lendário Príncipe da Dinamarca...

Fugit irreparable tempus, mas só no momento do trespasse — e nem sempre nessa hora suprema! — os homens se lembram dos erros que cometeram, das faltas em que incorreram, do mal que espalharam, porque então apenas se apossa deles a dor ou o pavor de perderem a vida, não porque lhes doa a impossibilidade de continuarem uma obra construtiva e de abnegação, mas por sentirem o travo da saudade dos prazeres em que se deleitaram em vida mas não voltarão mais ...

A. ÁLVARO DÓRIA
E. C. D.

PÁGINA DO ESCOTEIRO



INSÍGNIA DE CAMPISTA

(Continuação)

10.º — Ler, no « Escotismo para Rapazes », as principais palestras sobre campismo e conhecimentos e conforto no acampamento.



B.-P. baseou-se nas próprias experiências de campista nato para desenvolver a sua ideia do movimento escoteiro.

Nas húmidas selvas da Índia e nos escaldantes desertos de África, privando com guias e batedores indígenas, pôde apreciar o valor do espírito de iniciativa, da improvisação consciente, da adaptação do homem à natureza. Ali, adquiriu conhecimentos de tão vasta ordem que decidiu compilar muitos deles e oferecê-los aos jovens para que tivessem possibilidade de realizar uma vida aventurosa, cheia de peripécias e de entusiasmo.

Foi no «*Escotismo para Rapazes*» que B.-P. nos legou as indicações preciosas para belíssimas experiências da vida ao ar livre.

As palestras números oito, nove e dez, que versam assuntos sobre pioneirismo, vida e conforto no campo, dizem respeito exclusivamente à especialidade de que estamos a tratar.

Tens, pois, que fazer a leitura daqueles capítulos e desenvolver algumas das afirmações ali descritas com o teu examinador desta especialidade.

Para tua orientação, e servindo de base a 4.ª edição do *E.P.R.*, indicamos alguns assuntos que podes discutir:

— Há realmente necessidade do serviço do machado? (ver pág. 88).

— Continuam os nós a interessar na vida actual? (ver pág. 89).

— Para que usar abrigos, havendo tanta facilidade em tendas? (pág. 95).

— Devemos abater árvores em qualquer altura? (pág. 98).

— Que espécie de tenda deve ser usada pelos escoteiros? (pág. 109).

— Concordas com o equipamento individual que B.-P. aconselha? (pág. 111).

— Toda a água serve para beber? (pág. 113).

— Por que razão se devem fazer fossas de sólidos e líquidos? (pág. 114).

— Porquê a construção de latrinas no campo? (pág. 115).

— Qual a razão por que B.-P. insiste em improvisações de campo? (pág. 119).

— Qual a razão de não se deixar vestígios de fogueiras? (pág. 123).

— Qual a razão desta afirmação de B.-P.: «Na vida de campo é preciso saber três coisas: fazer pão e cozinhar feijão e toucinho»? (pág. 133).

— Por que razão B.-P. dá tanta importância à higiene? (pág. 135).

*
* *

Com estas perguntas, a que deves tentar responder depois de ler as palestras indicadas, chegámos ao final do estudo da Insígnia de Campista. Esperamos que, dentro em pouco, na manga de tua camisa, brilhe o distintivo desta capacidade.

BICHO DA MADEIRA

Bibliografia — ESCOTISMO PARA RAPAZES, de Baden-Powell, e GUIA DO ESCOTEIRO, de Velho Lobo (Brasil).



KON-TIKI

ou a épica aventura de cinco escoteiros que numa jangada percorreram 4 300 milhas do Oceano Pacífico

Vamos contar-vos uma história que, passada há alguns anos, se perpetuará nos vossos filhos, depois netos, tornando-se quase lenda.

Como todas as histórias, tem:

ENREDO: — Partindo do Porto de Callao, no Peru, seis homens atravessam 4 300 milhas do Pacífico numa jangada construída com toros de balsa. Na primitiva embarcação não se empregavam pregos, todas as armações eram feitas com liames. Fundamentou-se daqui a teoria de que os actuais habitantes das ilhas Hawai são descendentes da extinta raça dos Incas e que, utilizando jangadas, teriam sido conduzidos por um dos descendentes do deus «Kon-tiki» desde a América do Sul até aquele grupo de ilhas.

Os etnologistas afirmavam: «Impossível». E justificavam-se: «os ventos, os furacões, os exíguos recursos da época fariam gorar os intentos (se é que houvesse esses intentos) dos antigos Incas».

A firme resolução de um homem deu realidade ao sonho que há muito lhe bailava na mente.

E a teoria comprovou-se; de tão grande aventura, os heróis saíram vencedores sem despojos deixados na vastidão do campo de batalha: o Oceano Pacífico.

OS HERÓIS: — Thor Heyerdahl, Knut Haugland, Erik Esselberg, Torstein Raaby, Herman Watzing e Bengt Danielsson.

Com excepção do último, todos eram escoteiros. Bengt Danielsson havia dedicado parte da sua vida a explorações.

Todos noruegueses, não se conheciam antes da expedição, depois dela, ficaram amigos e, durante a mesma, a camaradagem no perigo sempre os uniu.

THOR HEYERDAHL era o capitão. Pertenceu-lhe a teoria comprovada e foi ele que organizou a expedição.

Thor formou o que podemos chamar uma patrulha, sendo ele o guia.

A certeza que lhe provinha de um grande conhecimento da Natureza deu-lhe forças para arrostar com as incertezas dos outros que de antemão consideravam um suicídio tal aventura.

Como Baden-Powell, ele sabia que os homens primitivos conheciam a Natureza melhor do que os actuais, supercivilizados e instruídos.

A norma escotista de dar a cada um a sua tarefa e confiar-lhe o bom desempenho da mesma não foi esquecida.

O navegador Erik Esselberg estudou pela primeira vez as estrelas nos acampamentos da sua patrulha.

Danielsson era o cozinheiro. Herman Watzing o meteorologista, Knut Haugland e Torstein Raaby radiotelegrafistas, mantinham-se em contacto com os Estados Unidos.

OS VILÕES: — Eram de vária e de múltiplas espécies, mas não se lhes estranha a ferocidade. Curtidos no perigo, já encaravam como pacíficos vizinhos os tubarões que os acompanharam durante quase todo o percurso. E riram-se da sua pequenez, frente a um tubarão-baleia que a certo momento, lembrando-se de fazer uma «gracinha» passou por baixo da jangada, notando-se a cauda à ré e a grande cabeça à popa.

Todas as manhãs, o cozinheiro encontrava, estendidos no convés, grandes peixes que durante a noite eram atraídos pela luz.

Peixes voadores, espécies desconhecidas da fauna marítima, foram seus companheiros.

FORJA DE HERÓIS: — Numa entrevista concedida à revista «Boy's Life» dos escoteiros americanos, pode ler-se o que Thor disse acerca da sua preparação, seguindo o método escotista:

«Foi o escotismo que despertou em mim o amor da natureza e ânsia de lhe conhecer os mistérios. A prática obtida nos acampamentos tornou-se apto a usar os meus sentidos na leitura e interpretação das espécies e fenómenos naturais».

Continua na pág. 3

ENCONTRO DE OPINIÕES

O «Encontro de Opiniões», aberto no nosso jornal de Janeiro, tinha a intenção declarada de iniciar um diálogo extenso e franco entre todos os amigos do Escotismo que se preocupam realmente com os seus problemas, ou mesmo entre aqueles que lealmente reconhecem ser inútil a existência actual do Movimento por o julgarem desnecessário ou caduco.

Pelo entusiasmo e controvérsia que sentimos despertar em alguns sectores afectos às duas Associações escoteiras e mesmo entre os antigos escoteiros, acreditámos que iríamos, finalmente, conversar abertamente sobre determinados problemas que afectam o desenvolvimento do Escotismo no nosso País (considerado em toda a sua extensão territorial).

Porém, nem a inspiração do tema, colhido nas declarações do brilhante pedagogo e nosso querido amigo Rev. Eduardo Moreira, para nós o mais profundo conhecedor do valor educativo do Escotismo de quantos militaram nas nossas fileiras, conseguiu vencer a tradicional e inquietante inércia que domina a maioria dos nossos dirigentes e antigos escoteiros.

Assim, depois dos valiosos documentos que apresentámos naquele nosso número de Janeiro, resta-nos, para além de uma «montanha» de promessas e algumas desculpas em termos bastante amáveis, duas opiniões que iremos publicar no presente número.

Também o nosso amigo António Piscarreta, de Lagos, sempre presente e sempre amável, nos escreveu para aplaudir os conceitos desenvolvidos nas intervenções já verificadas, nomeadamente do Prof. Álvaro Dória e do Chefe Luís Pacheco.

EM DEFESA DE UM ELEVADO IDEAL

1. **O Escotismo não é um movimento velho, mas um movimento permanente.**
2. **O Movimento deu o seu contributo para a educação da nossa juventude... e produziu alguns exemplares de grande valor. Não é um movimento falhado!**
3. **O Escotismo tem uma mensagem múltipla. Apela para o amor completo, desde o amor à Natureza ao amor ao próximo.**
4. **O Escotismo é uma afirmação, mas uma afirmação não estreita.**

EDUARDO MOREIRA

Com a publicação das opiniões que seguem, daremos por encerrado, não sem alguma mágoa, este nosso (breve) **Encontro de Opiniões em defesa de um elevado ideal,** *a menos que os nossos leitores estejam dispostos a reabrir o diálogo, enviando-nos «matéria» susceptível de apreciação geral.*

M. G.

NÓS PERGUNTAMOS:

1. **Acha que o Escotismo tem evoluído no sentido de continuar a despertar a atenção do jovem? Como interpreta essa evolução (ou não evolução)?**
2. **Em que medida entende que o Escotismo tenha influenciado os jovens do seu tempo? Quais os aspectos em que terá influído na sua vida?**
3. **Vê no ideal do Escotismo um valor actual que possa ser aceite pela juventude como uma Mensagem e um Caminho? Sugere algum processo de lhe transmitir (à juventude) essa Mensagem?**
4. **Deve o Escotismo Português caminhar no sentido da unidade das suas Associações ou vê utilidade na separação existente?**

RESPONDERAM:

PERGUNTA N.º 1

Temos que reconhecer, que o escotismo de hoje, ainda assenta em ideias antigas e temos que ver a evolução do tempo; não podemos basear-nos numa doutrina que foi feita há mais de sessenta anos.

A juventude de hoje, vê os problemas da vida actual, acompanha o progresso. Ora, os jovens antigamente, não tinham as comodidades actuais, portanto, o Escotismo para eles, era formidável. O jovem de hoje tem várias «fugas» e, infelizmente, tem «medo» de vestir o calção!! É necessário remodelar a maneira de trabalhar. O escotismo pode viver com a doutrina de B.-P., mas é preciso refrescá-la.

PERGUNTA N.º 2

A situação actual, mesmo que seja considerada em crise, tem sido útil aos jovens, incutindo-lhes o sentido de responsabilidade, amor ao próximo, tendo desenvolvido o seu carácter.

Pena é que, muitos que militaram no movimento, esqueçam esses princípios e não se orientem com eles por toda a vida.

PERGUNTA N.º 3

O escotismo é aceite pela juventude, e será sempre bem aceite. Para tal é necessário termos dirigentes bem formados e com boa dose de cultura, pois, assim, poderá compreender, o modo de vida do jovem. Assim poder-se-á evitar, os «célebres» escoteiros-turistas, que só aparecem por interesse.

Por que não procurar algo diferente, como li há tempos que houve escoteiros que tiraram a especialidade de homens-rãs. Ora, se estes a tiraram, por que não outros a tirarão, ou outra actividade que desperte atenção ao jovem. Mas para isso terá que se fazer cautelosamente essa modificação nas actividades escotistas.

PERGUNTA N.º 4

Em Portugal, deveria existir uma Federação, pois se Portugal Europeu é pequeno, juntamos as parcelas espalhadas pelo mundo e nota-se que é um país grande. Portanto, não se justifica que por causa da religião haja divisões.

Continua na pág. seg.

PERGUNTA N.º 1

Permitam-se que esclareça, desde já que não sou nem fui escoteiro. ainda que conheça um pouco desse movimento por alguma coisa que tenho lido e no contacto com amigos. Assim, depois de me entusiasmar e inspirar numa animada conversa entre amigos, motivada pela leitura no vosso jornal de judiciosas opiniões sobre este tema, decidi-me a dar a minha achega representando, talvez, o outro lado da «mesa», se assim mo permitirem e por vossa intenção dar naquela assento a todas as opiniões.

Acho que o escotismo continua a despertar a atenção de alguns jovens, mas não sei se isso se pode chamar evolução. Quantos escoteiros existirão no País? Julgo que não existem hoje mais escoteiros do que há alguns anos atrás, mas ainda que isso possa acontecer, pode não representar evolução, pois sabe-se que a liberdade de que os jovens gozam actualmente e a necessidade que sentem de se associarem leva-os a aderir a grupos de outros jovens, por vezes indiferentes às motivações que os orientam. Por outro lado, existirá realmente a preocupação de formar os jovens escoteiros como cidadãos úteis ou é apenas um movimento sectário e servil (mais ou menos disfarçado) conduzido num determinado caminho?

PERGUNTA N.º 2

Parece-me que um dos principais motivos de interesse pelo escotismo eram os acampamentos, pois davam ao rapaz a oportunidade de viver ao ar livre, numa sensação de liberdade e despreocupação muito do seu agrado, permitindo-lhe ainda viver, longe da protecção familiar, uma experiência de auto-suficiência e isolamento, muito do seu agrado.

Também as manifestações de precupação social os atraem. Tive na infância dois amigos que eram escoteiros e apreciava-lhes a preocupação que tinham em cumprir regras que a sua associação lhes impunha. Julgo, porém, que as suas convicções os faziam sentir-se perfeitos, *o que pode tomar-se como defeito de formação.*

PERGUNTA N.º 3

Os livros que tenho lido apresentam o ideal escotista como um verdadeiro ideal humano. É uma mensagem completa que ainda hoje podia ser aceite pela juventude. Mas essa men-

Continua na pág. seg.

No Cinquentenário do Corpo Nacional de Escutas

A VISITA DE BADEN-POWELL A LISBOA EM 1929

O Corpo Nacional de Escutas está a comemorar com muito relevo a passagem do 50.º aniversário da sua fundação. Não podemos senão congratularmo-nos pela obra que associação católica tem realizado através do Escotismo nestes 50 anos de actividade, aproveitando as possibilidades que oferece a sua directa ligação com a Igreja Católica Romana. Pena temos nós de não receber a informação habitualmente distribuída à Imprensa, pois gostaríamos de dispensar ao acontecimento a atenção que merece.

A «Sempre Pronto» interessa tudo que ao Escotismo se refere, particularmente ao Escotismo Português, sem barreiras de qualquer espécie. Ao reconhecermos o valor da obra promovida pelo C. N.E., praticamos apenas um acto de justiça, embora em termos de ideal escoteiro tenhamos de reconhecer que a divisão do Movimento em Portugal em mais de uma associação não é motivo de satisfação. O Escotismo é uno e só realiza eficientemente a sua acção educativa quando congraça todos os seus membros seja qual for a sua opinião, crença ou raça, desde que possam subscrever a Promessa. A fundação do C. N. E. em 1923 foi consequência do ambiente político e religioso da época. Estamos plenamente convencidos de que hoje, depois do espírito de tolerância inspirado pelo bondoso Papa João XXIII, essa dissidência não se daria.

Dentro da A. E. P., cabiam, têm cabido e continuam a ter aqui o seu lugar, escoteiros de todas as crenças e até grupos confessionais católicos e protestantes, como de qualquer outra religião. Além disso, em face da orgânica associativa, estaria sempre reservada aos católicos uma maior influência e predomínio nos seus quadros, o que aliás tem quase sempre acontecido até aos dias de hoje.

Já em Novembro de 1926, em «O Escoteiro», escrevia o E. C. Salazar Leite: Existe entre nós uma associação de escoteiros católicos intitulada «Corpo Nacional de *Scouts*». Se por um lado vemos com prazer que frutifica a semente lançada em Portugal pela A. E. P., não é sem mágoa que vemos repetir em Portugal o erro cometido em outros países com a criação de associações idênticas. Se na A. E. P. não coubessem bem à vontade todos. católicos, protestantes, livre-pensadores, etc., se na A. E. P. tivesse sido prejudicada alguma religião, bem estava, e seria um acto de natural defesa a criação de associações com característica católica, protestante ou laica. *E a terminar:* Posso afirmar sem receio que a quase totalidade dos membros da A.E. P. é católica, como católica é a quase totalidade da população portuguesa. *Era assim que em 1926 falava um dirigente responsável da A. E. P.*

Mas o óptimo é inimigo do bom *e, portanto, enquanto o espírito escoteiro não nos conduzir a outras melhores soluções, há que aceitar a existência do C. N. E. e manifestar toda a nossa satisfação pelo seu desenvolvimento e actividade, desejando que cada vez mais se faça sentir* o valor da obra por ele promovida.

Estas nossas palavras eram necessárias para ser bem compreendida a nossa posição num problema que hoje voltou a ter a maior oportunidade, posição afinal que é perfilhada por bons Escoteiros e Escutas que desejariam ver o Escotismo Português unido, e ainda porque queremos referir um artigo publicado no nosso prezado colega de imprensa escoteira «Flor de Lis», de Maio passado, que narra as diligências feitas para a oficialização do então «Corpo de Scouts *Católicos Portugueses», onde se diz: «Após certo período de incertezas, é aprovado, de novo, em 1925, devido à acção prudente do Dr. António Lino Neto, pelo Decreto 10 589, sendo reconhecido também em 1929 pelo* Bureau *Internacional de Londres da presidência de Baden-Powell que veio a Lisboa, PROPOSITADAMENTE EM VISITA OFICIAL». (O destacado é nosso).*

Cabe aqui perguntar para que foi que Baden-Powell veio a Lisboa propositadamente. *Parece que se pretende fazer crer que foi por causa do reconhecimento do C. N.E. Ora a verdade é que, seis meses antes da visita de B.-P., esta já tinha sido anunciada à A. E. P., indicando dia e hora da chegada, portanto numa altura em que esse reconhecimento não existia, o qual só foi dado em 17 de Abril de 1929. Baden-Powell esteve em Lisboa no dia 4 de Março desse ano. Foi a A. E. P. que organizou a recepção e convidou as duas associações escoteiras então existentes sem reconhecimento, o C. N. E. e os Adueiros de Portugal, para participarem no evento. A visita em Cascais ao Presidente da República foi feita na companhia do Embaixador Britânico e da Direcção da A. E. P., exclusivamente.*

O facto é que Baden-Powell não veio a Lisboa propositadameinte *para coisa nenhuma e nem sequer em visita oficial. O Fundador participava num cruzeiro pelo Mediterrâneo e ilhas do Atlântico a bordo do* «Duchess of Richmond» *e no regresso tocou no porto de Lisboa, onde desembarcou às 18 horas do dia 4, tendo partido às 19 horas do dia 5, e naturalmente não podia deixar de visitar os escoteiros portugueses. Estão felizmente ainda connosco muitos daqueles que participaram neste acontecimento, que podem confirmar estes factos, não precisando aliás o C. N. E. desta achega para abrilhantar a efeméride da sua fundação.*

DE SANTARÉM

As Bodas de Prata do Grupo n.º 52 do C. N. E.

Os dias 19 e 20 de Maio passado, foram de festa escoteira em Santarém, por motivo da comemoração dos 25 anos do Grupo n.º 52 do Corpo Nacional de Escutas. A partir da tarde de sábado, começaram a chegar à capital ribatejana escutas da região de Lisboa, Carcavelos, Almada, Parede, Algés, Tomar, Torres Novas, Coruche, e ainda os grupos de Escoteiros de Portugal de Entroncamento e Azambuja.

Apesar do tempo desfavorável que fez, a festa decorreu animadamente, tendo-se realizado à noite um fogo de conselho, em que participou grande número de escoteiros e em que todos cantaram alegremente numa manifestação de camaradagem.

No domingo, o Rev. P.e João Ferreira, assistente nacional adjunto do C. N. E., coadjuvado pelo assistente do agrupamento Rev. P.e António Garcia, celebraram missa na Igreja de Santa Clara. Ao princípio da tarde, um almoço de confraternização entre antigos e actuais escoteiros reuniu cerca de 250 elementos. O repasto decorreu animadamente, tendo servido para recordar antigas actividades, acampamentos e episódios que serviram de motivo para saudáveis gargalhadas.

As 15 horas, realizou-se o 2.º Grande Prémio «Baden-Powell» — Rali Scalabitano, em que participaram 25 carros de madeira (caixotes de sabão), construídos pelos rapazes, que puseram à prova a perícia dos respectivos «volantes» e a velocidade dos seus «bólides» sem motor, o que proporcionou momentos de grande entusiasmo.

A festa terminou com a distribuição de prémios aos vencedores da Gincana, Elegância e Velocidade, tendo sido proclamada vencedora absoluta a Patrulha Tigre, do Bairro da Encarnação, Lisboa. As taças e outros prémios foram oferecidos por instituições e casas comerciais de Santarém.

Baden-Powell disse que no escotismo não havia credos religiosos nem políticos. Não esqueçamos que «a união faz a força». Quebrem-se as barreiras existentes para sempre.

Opinião à margem:

Agora aproveito para uma pequena opinião, que talvez fuja ao «Encontro».

É necessário fazer compreender aos jovens o que significa a «Farda» e o cuidado a ter. Apesar de muitos não gostarem de fardas, têm que se convencer que com ela é uma maneira de se identificar perante outras pessoas.

Deve-se fazer lembrar que, ao usá-la, é completa; não esquecer a boina (que pesa muito na cabeça). Não trazer vestuário que não diga respeito à farda e que a mesma não é para se destacar dos outros.

Acabar com o círculo vicioso das reuniões em que se fala do que foi feito «no meu tempo». Falemos sim no que poderemos fazer, para que o jovem veja no escotismo uma família, uma escola, onde encontre o que procura.

José Alberto Teixeira Cerqueira
Escot.-Chefe Adido ao Gr. 17

sagem terá de lhes ser transmitida através de pessoas preparadas, que saibam fazer-se compreender e que simultaneamente compreendam e aceitem certas reacções dos jovens. Mas teriam de afastar completamente esse movimento de quaisquer compromissos políticos, religiosos, etc., para que possa ser realmente um movimento universal, como parecem pretenderem. Os jovens gostam acima de tudo da *sinceridade.*

PERGUNTA N.º 4

Não sei bem a que ideal presidiu a criação de várias associações de escoteiros que, a meu ver, não abonam a fraternidade apregoada pelos escoteiros.

Como em muitos outros sectores, a divisão religiosa é coisa velha e ultrapassada.

Todos unidos e desligados de certas manifestações que os comprometem, talvez conseguissem convencer não só os jovens como até alguns adultos válidos que lhes seriam bastante úteis.

ANTÓNIO SARAIVA

O PROGRAMA ESCOTISTA—1

Continuação da pág. 8

lhos assumem a responsabilidade de formular uma política, de tomar as necessárias decisões, de proteger e de formar os mais novos. Estes últimos, por sua vez, respeitam os mais velhos, aprendem com eles e tentam igualá-los ou mesmo ultrapassá-los».

São igualmente contemplados nalguns dos novos programas outros tipos de sistema de patrulhas. O Seminário Europeu sobre o programa do ramo escotista, organizado em Junho 1972, reconhece três aplicações principais ou tipos de sistemas: tipo familiar, o grupo de formação natural (ou o tipo Grupo Peer) e o grupo de interesse, e acrescenta que «tomando conta os nossos objectivos, que consistem em preparar os jovens para a vida na sociedade, os três sistemas em uso têm cada um o seu valor. Devemos aplicar os métodos que convêm ao meio social no qual operam as diferentes associações».

As características destes três tipos encontram-se resumidas no relatório do Comité para os Planos do Futuro (*Report of the Design for Tomorrow Committé*) da Associação Escotista Australiana.

CRITÉRIOS	GRUPO NATURAL	GRUPO FAMILIAR	GRUPO DE INTERESSE
Idade mental.	Idêntica, de todos os pontos de vista.	Diferente no aspecto em que há que ter em conta uma diferença de idade cronológica, o que implica uma diferenciação entre as idades mentais e causa certos ressentimentos entre os seus membros.	Frequentemente similar, mas não necessariamente.
Capacidades intelectuais.	Igualmente idênticas, mas pode haver certas variações, porque a inteligência dalguns continua a desenvolver-se.	Geralmente diferentes, por causa das grandes diferenças de idade cronológica. Isto pode igualmente dar lugar a descontentamentos.	Geralmente diferentes, visto os membros poderem vir de meios muito diferentes.
Proezas físicas.	Podem ser idênticas, mas não necessariamente. A idade e as capacidades mentais são os principais factores que caracterizam o grupo.	Muito desiguais, aqui devido às grandes diferenças de idade. Por isso, certos membros do grupo podem fisicamente dominar os outros.	Certas variações são prováveis se se tiver em atenção que o interesse não exige certas capacidades físicas particulares.
Maturidade sexual.	Idêntica, porque está em relação com a idade.	Desigual, por causa das diferenças de idade. Assim, enquanto os mais velhos começam a interessar-se pelo sexo oposto, os mais novos detestam ainda as raparigas.	Desigual, por motivo das prováveis diferenças de idade e de formação.
Normas de procedimento.	Semelhantes, visto o chefe natural e a pressão do grupo levarem os seus membros a conformar-se com as normas aceites.	Idênticas, porque os chefes fazem pressão sobre os outros para que eles sigam as normas de procedimento estabelecidas.	Desiguais fora do domínio de interesse particular do grupo, visto que não é necessário que haja estreitas relações pessoais entre os membros.
Interesses.	Frequentemente idênticos, mas a lealdade do grupo assegura uma unidade de interesses.	Geralmente diversos e muitas vezes o programa não satisfaz ninguém.	Semelhantes em determinado domínio, mas não necessariamente noutros.
Relações com os chefes adultos.	Normalmente o chefe torna-se o conselheiro reconhecido pelo grupo. Cria-se um respeito recíproco.	Há geralmente uma forma de relações dirigidas.	Desenvolvem-se relações formais com o chefe adulto que não chega a conhecer bem os seus rapazes e vice-versa.

Salientou-se que o facto dos membros duma patrulha terem ocasião de se associar com pessoas que não escolheram é um dos argumentos mais válidos a favor do agrupamento do tipo «familiar». Para um adulto, a capacidade de trabalhar com pessoas com as quais naturalmente não se associaria, tem evidentemente uma grande importância.

(continua)

(Publicado pela Secretaria Mundial do Escotismo).

(Tradução de *Rui Fernando da Fonseca*)

O PROGRAMA ESCOTISTA — 1

Os princípios fundamentais e o programa — Uma diferença

Por CARL A. LINSTÉN

Certas pessoas acolhem as mudanças introduzidas num programa como uma sã adaptação do escotismo ao mundo de hoje. Outras, inquietam-se com estas mudanças e julgam que certas ideias tradicionais do escotismo não são propagadas por estes novos programas. Estas pessoas pensam que há uma certa tendência para dissolver o escotismo, que o esvazia das suas características tradicionais e o faz parecer-se com qualquer outra actividade de passar tempo.

A fim de estabelecer critérios ou bases para efectuar modificações, certas associações julgaram necessário fazer uma clara distinção entre *a)* os princípios fundamentais e *b)* o programa. O diagrama seguinte apresenta o escotismo em função dos princípios fundamentais e do programa.

PRINCIPIOS FUNDAMENTAIS *FIXOS*	PROGRAMA *FLEXÍVEL*

Enquanto os princípios fundamentais são «fixos», isto é, considerados como universais e eternos, o programa é «flexível», isto é, deve ser adaptado segundo três factores:

1. A ideia dos princípios fundamentais (ideia do escotismo);
2. A necessidade e as aspirações dos jovens na sua própria sociedade;
3. A necessidade de uma sociedade na qual vivam os jovens e que lhes seja propícia.

Em outros termos, o valor e as atitudes do escotismo (os princípios fundamentais) são transmitidos aos jovens com a ajuda de um programa que leva em conta as necessidades e as aspirações dos jovens, assim como as necessidades da sociedade no seio da qual o programa é posto em execução.

Com esta concepção do escotismo, parece claro que, enquanto os princípios fundamentais ficam intangíveis e sem alteração, o programa deve ser revisto de tempos a tempos, a fim de encontrar o seu lugar num mundo em que a juventude e a sociedade estão em constante mutação.

Bem entendido, perguntar-se-á em seguida: «*Quais são os princípios fundamentais intangíveis?*» No momento actual, a constituição da Conferência Mundial do Escotismo está em vias de ser modificada. Esperando que o novo texto tenha sido adoptado, o Comité Mundial do Programa — que é, sobre o plano mundial, o organismo responsável pelo desenvolvimento dos programas — estabeleceu, sobre uma base de trabalho temporário e interno, a seguinte lista dos princípios e dos métodos que constituem os princípios fundamentais do escotismo. «*Como certos elementos podem variar na sua capacidade, em razão das diferentes necessidades que se inscrevem nos diferentes ambientes*» aponta o Comité, «*eles devem todos coexistir até a um certo nível, a fim de que o programa possa ser chamado um programa de escotismo*».

★ O sistema de patrulhas (operações por pequenos grupos);

★ Ajudar o próximo;

★ A harmonia internacional (Fraternidada humana);

★ O ambiente do ar livre;

★ A adesão a um código de procedimento;

★ O progresso espiritual;

★ A educação pela acção (aprender pela experiência, aprender a descobrir, participação);

★ Um sistema de programas que oferece oportunidades de desenvolvimento individual e social, e a possibilidade de obter resultado em breve prazo);

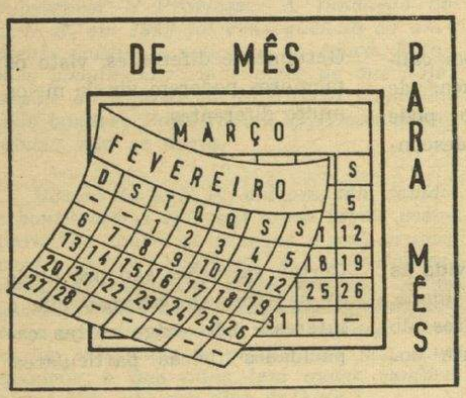
★ Participação voluntária;

★ Independência quanto a toda influência de partido.

Tipos de sistemas de Patrulhas

O método de grupo ou sistema de patrulhas, como nós lhe chamamos, é um dos métodos fundamentais do escotismo. Ocupa um lugar praticamente incontestado, pelo menos no que diz respeito ao ramo escotista. No entanto, a psicologia dos grupos reconhece diferentes tipos de grupos e de formações, o que influencia evidentemente a maneira como o sistema de patrulhas é utilizado na prática. Em quase todos os países onde o escotismo se pratica, utiliza-se um género de formação que se pode chamar a «patrulha de tipo familiar», que é como «uma entidade familiar, na qual os membros mais ve-

Continua na pág. 7



«De mãos dadas»



No útil colóquio sobre Escotismo de Extensão que já aqui referimos, o sr. dr. Correia de Barros preveniu avisadamente: Para que o trabalho seja feito em profundidade há necessidade premente de que os dirigentes escoteiros trabalhem de mãos dadas com Directores, Professores e Técnicos dos diversos ramos de deficientes, sem o que o seu trabalho de nada valerá.

Se este conselho é particularmente sábio para o ramo de deficientes, não é menos válido para todo o Escotismo. O dirigente escoteiro, de qualquer escalão, só produzirá obra eficiente na medida em que trabalhar de MÃOS DADAS com os pais, mestres e educadores e for receptivo aos conselhos das pessoas competentes e experientes.

A acção educativa tem de ser esclarecida, porque o trabalho escotista dará mais fruto se os chefes de escoteiros conhecerem o meio que pisam — **disse ainda o ilustre educador — e estas palavras deveriam ser gravadas a oiro nas salas de reunião dos chefes.**

Há que trabalhar de mãos dadas **entre nós, dirigentes escoteiros, e com os técnicos educadores de todos os ramos, fugindo às tão comuns e medíocres improvisações.**

Quem tem ouvidos de ouvir... oiça!

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00